

The background is a dark teal color with numerous light teal, 3D-style keyboard keys floating at various angles and depths. Some keys are clearly visible, showing letters like 'M', 'V', 'N', 'F', 'I', 'C', 'Ç', 'Ã', 'O', 'B', 'R', 'I', 'N', 'C', 'R', 'B', 'M', 'V', 'F', 'B', 'R', 'C', 'R', 'B', 'R', 'F', 'B'.

FICÇÃO BRASILEIRA NO SÉCULO XXI

Narrativas em mutação

Helena Bonito Pereira
(ORG.)

 Editora
Mackenzie

Ficção brasileira no século XXI

Narrativas em mutação

Coleção Letras Mackenzie, 11

UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE

Reitor: Benedito Guimarães Aguiar Neto

Vice-reitor: Marco Tullio de Castro Vasconcelos

EDITORA DA UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE

Coordenador: Roberto Borges Kerr

Conselho Editorial

Carlos Guilherme Santos Seroa da Mota

Elizeu Coutinho de Macedo

Helena Bonito Pereira

João Baptista Borges Pereira

Jônatas Abdias de Macedo

José Francisco Siqueira Neto

José Paulo Fernandes Júnior

Karl Heinz Kienitz

Luciano Silva

Marcel Mendes

Vladimir Fernandes Maciel

COLEÇÃO LETRAS MACKENZIE

Diretora: Helena Bonito Pereira

Ficção brasileira no século XXI

Narrativas em mutação

Helena Bonito Pereira

Organizadora



© 2019 Helena Bonito Pereira (Org.)

Todos os direitos reservados à Editora Mackenzie.
Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida por qualquer meio
ou forma sem a prévia autorização da Editora Mackenzie.

Coordenação editorial: Surane Vellenich
Preparação de texto: Surane Vellenich
Projeto gráfico, capa e revisão: Ana Claudia de Mauro
Estagiária editorial: Ana Júlia Campoy

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

F444 Ficção brasileira no século XXI : narrativas em mutação / Helena Bonito Pereira organizadora. – São Paulo : Editora Mackenzie, 2019.
340 p. ; 21 cm. – (Coleção Letras Mackenzie ; 11).

Inclui referências bibliográficas.
ISBN 978-85-8293-849-2

1. Literatura brasileira - Crítica e interpretação. 2. Ficção brasileira - Século XXI. I. Pereira, Helena Bonito, *organizadora*. II. Série.

CDD 869.98

Bibliotecária Responsável: Eliana Barboza de Oliveira Silva – CRB 8/8925

EDITORA MACKENZIE
Rua da Consolação, 930
Edifício João Calvino, 7º andar
São Paulo – SP – CEP 01302-907
Tel.: (5511) 2114-8774 (editorial)
editora@mackenzie.br
www.mackenzie.br/editora.html
Editora afiliada:


Associação Brasileira
das Editoras Universitárias

ASSOCIADO 
CBL
Câmara
Brasileira
do Livro

Sumário

Em meio à renovação, a permanência do romance Helena Bonito Pereira	9
Seção 1: Formas em renovação	27
O regionalismo intertextual em <i>Tempo de espalhar pedras</i> , de Estevão Azevedo Cristine Fickelscherer de Mattos e Helena Bonito Pereira	29
<i>Romance de Dom Pantero no palco dos pecadores</i> , de Ariano Suassuna: A representação do espaço no <i>Livro I – O jumento sedutor</i> Cristhiano Motta Aguiar	61
<i>Os espíões</i> , Luis Fernando Verissimo e o gênero policial Sandra Reimão	81

<i>Desesterro</i> , Sheyla Smanioto: o fantástico como forma de contar uma história de mulheres Sílvia de Paula Bezerra	101
Era uma vez, num vilarejo distante: apontamentos sobre a obra de Raphael Montes Fernanda Reis da Rocha e Natália Aymi Yamaguti	125
Seção 2: Temas em movimento	159
Modernismo à brasileira em <i>Eu vos abraço, milhões</i> , de Moacyr Scliar Regina Zilberman	161
O escritor em tempos de mídias: <i>O ano em que vivi de literatura</i> , de Paulo Scott Elizabeth Gonzaga de Lima	185
Economia moral e ética no romance <i>Reprodução</i> , de Bernardo Carvalho Rogério Lima e Amandine Moulin	211
A leveza da moral: um estudo do universo plástico de Rodrigo Naves em <i>O Filantropo</i> Thaís Kuperman Lancman	239

Seção 3: Questões de identidade e duplicidade	261
Memórias estilhaçadas: reflexões sobre trauma em <i>Mar azul</i> , de Paloma Vidal	263
Gínia Gomes	
Quem ocupa o lugar que me pertence? Identidade e duplicidade em <i>Feriado de mim mesmo</i> , de Santiago Nazarian	293
Raul Ignacio Valdivia Arriagada	
Um rosto feminino sem maquiagem: os mitos de Narciso e de Eco revisitados por Tania Kaufmann	315
Thiago Cavalcante Jerônimo	

Em meio à renovação, a permanência do romance

A coleção “Ficção brasileira no século XXI” resultou de um interesse pelas narrativas ficcionais publicadas no Brasil, aliado ao número expressivo de novos títulos lançados anualmente.

Fatores como a instabilidade das condições para a produção cultural no país, a crise associada ao advento das mídias eletrônicas e a retração no mercado de obras impressas, dificultam, mas não inviabilizam a permanência da ficção literária. Contrapontos relevantes a essa situação são eventos como conversas com escritores, bienais, feiras e festas literárias, bem como as premiações, algumas delas bastante tradicionais, como o Prêmio Jabuti, outorgado anualmente a obras em diversas categorias desde 1953. No mesmo sentido, registra-se a presença de escritores em programas de tevê e nas redes sociais e, embora esporadicamente, a inserção de narrativas contemporâneas nos exames de ingresso ao Ensino Superior também tem um papel na manutenção das leituras literárias.

A atuação em disciplinas como teoria literária e literaturas – brasileira, portuguesa, comparada – na Universidade Presbiteriana Mackenzie proporcionou a motivação e as condições necessárias à valorização e ao estudo da produção ficcional que viceja em nosso meio artístico-cultural e social. Dessa forma, chegamos ao quinto volume da coleção “Ficção brasileira no século XXI”, que ora se apresenta e com o qual se completam estudos sobre sessenta narrativas literárias brasileiras publicadas nos últimos decênios.

Ao inserir-se no gênero romanesco, uma narrativa ficcional passa a responder ao horizonte de expectativas do público. Seus possíveis leitores partem de uma representação relativamente estável, que pode se confirmar ou não durante a leitura. Essa representação transcorre em espaço e tempo definidos, mobiliza personagens com motivações diversas ou mesmo opostas entre si, em enredos pontuados por numerosos eventos, ou, mais raramente, em torno de um único evento, por meio de um narrador explícito, camuflado ou aparentemente neutro, em um texto construído na arte de escrever, forma privilegiada para sua expressão.

Cercado de controvérsias desde a origem, o romance, fruto indireto ou correspondente moderno da epopeia clássica, consolidou sua forma ao centralizar-se, como narrativa, no interesse despertado pelas aventuras de personagens individualizados. Entre a epopeia e essa versão moderna de narrativa, sucederam-se diversos modos de narrar. Ao afastar-se dos campos de batalha medievais em que guerreiros se enfrentavam, a narrativa passou a acompanhar um protagonista em suas aventuras e desventuras, incorporando recursos estilísticos até então ausentes, como a paródia e a ironia. François Rabelais teria sido um dos precursores longínquos do romance, no século XVI francês, com a publicação de *Gargântua e Pantagruel*, narrativas paródicas, de grande riqueza lexical, sobre dois gigantes, respectivamente pai e filho. A história literária em geral considera, entretanto, que o gênero romanesco teria sido inaugurado por Miguel de Cervantes com *Dom Quixote*, no início do século seguinte, na Espanha. Seja como for, ambos os escritores, Rabelais e Cervantes, permanecem como referências primordiais na criação do romance moderno.

Surgiram outras narrativas, com diferentes temas e enfoques, contribuindo, cada qual a seu modo, para a fixação do romance como gênero. A temática do amor galante ou cortês ganhou expressão em *La princesse*

de *Clèves* (*A princesa de Clèves*), narrativa publicada por Mme. de La Fayette na França, em 1678, relevante também por apresentar uma trama situada em período precedente e assim dar impulso à versão moderna do romance histórico.

Na Inglaterra, notável antecessor do romance moderno foi *The Life and Opinions of Tristram Shandy, Gentleman* (traduzido para português simplesmente como *Tristram Shandy*), publicado por Laurence Sterne em nove volumes, entre 1760 e 1770. Trata-se de uma espécie de autobiografia do personagem-título, porém o relato está permeado de digressões e comentários do narrador, além de estabelecer relações intertextuais com os já citados Rabelais e Cervantes, e ainda com escritores ingleses como Jonathan Swift, Robert Burton e outros. Cumpre acrescentar, em relação à literatura brasileira, que Machado de Assis teve em Sterne uma notável fonte de inspiração, como demonstram numerosos textos da fortuna crítica do autor de *Memórias póstumas de Brás Cubas*.

Difundindo-se de modo geral nas literaturas ocidentais, o romance conquistou lugar central, o que culminaria com sua consagração como forma representativa do mundo burguês, por excelência, ao atingir sua maturidade, no início do século XIX. Por um longo período, a forma e a estrutura dos romances pouco variaram, mantendo-se

em geral a divisão em capítulos, a narração do passado e do mundo interior das personagens, e a onisciência do narrador.

O advento das vanguardas, no alvorecer do século passado, trouxe alterações significativas em todos esses aspectos, com a diluição do enredo, a fragmentação temporal e espacial, a incorporação de novas formas, a multiplicação de pontos de vista, a explosão e a posterior intensificação no emprego de recursos estilísticos os mais diversos, inclusive de natureza gráfica ou visual.

O panorama histórico brevemente delineado ilustra aspectos essenciais da ficção romanesca: sua permeabilidade à mutação e sua capacidade de abarcar a diversidade, assimilar novos temas e formas, enfim, de metamorfosear-se sem perder sua essência. Não é outra a razão da escolha do subtítulo: *Narrativas em mutação*. Essa natureza do romance sempre foi reconhecida por críticos literários, sendo possível encontrar adjetivação do gênero romanesco como mutante, proteiforme, polimorfo, enfim, algo que repele a rigidez das formas fixas. É o que se espera demonstrar com os textos teórico-críticos reunidos nesta coletânea.

Ao escrever sobre a literatura contemporânea, autores e autoras destes capítulos respondem ao desafio de colocar em relevo narrativas ficcionais de qualidade, que

merecem ser lidas e apreciadas como representações dos tempos em que vivemos. Trata-se de um contínuo empenho no sentido de reduzir a desproporção entre a quantidade de boas narrativas, de um lado, e a nossa capacidade leitora ou nosso tempo disponível para leitura, de outro.

Dois aspectos destacam-se nas obras literárias comentadas neste volume: a criatividade estética e a densidade temática. Escritores encontram novas formas de expressão, introduzindo alterações surpreendentes, não hesitando em subverter o modo de expressão consagrado em modalidades romanescas. Ocorrem inovações em textos associados ao regionalismo, à literatura fantástica, ao romance policial. A problematização do real, seja na perspectiva do indivíduo, seja na da vida coletiva, em temas como identidade e memória, configura-se como produção literária em movimento contínuo que não rejeita a renovação nem sofre abalos em sua densa carga semântica.

Nesse sentido, os capítulos do livro estão agrupados em três seções: “Formas em renovação”, “Temas em movimento” e “Questões identitárias”. Na primeira delas, examinam-se os textos narrativos com inovações no modo de narrar, reposicionando conceitos associados às

vertentes referidas nesta apresentação, como o regionalismo, ou no diálogo com as artes visuais ou a mídia, e com outros campos do saber, por exemplo, a economia. Na segunda seção, temas frequentes na contemporaneidade recebem tratamento cuidadoso, em que as inovações se encontram em segundo plano, na esteira da discussão dos conflitos de personagens, em seu mundo interior ou em sua deriva nas sociedades contemporâneas.

Seção 1: Formas em renovação

A consolidação de uma vertente literária efetua-se ao longo do tempo, por meio da assimilação de diferentes formatos que eventualmente provocam estranhamento no horizonte de expectativas dos seus leitores. Do romantismo à contemporaneidade, não tem faltado diversidade às formas do regionalismo brasileiro, entre balizas opostas como o ufanismo ingênuo, por um lado, e o realismo crítico, por outro. Sem aderir a uma visão extremada, surge uma renovação na prosa regionalista, tema do primeiro capítulo deste livro: “O regionalismo intertextual em *Tempo de espalhar pedras*, de Estevão Azevedo”, narrativa que mergulha o leitor em uma estranha inquietação, da primeira à última página. Em um lugar distante e indefinido, vagamente caracterizado como espaço de garimpo, imersos em uma natureza hostil, movimentam-se

personagens cuja rudeza nada fica a dever ao entorno. Boa parte dos personagens trabalha em um garimpo, praticamente exaurido no presente dos fatos narrados, de modo que indivíduos semidesocupados, solitários ou em famílias desestruturadas, vivem em miséria quase absoluta, à mercê do arbítrio e da prepotência de um “coronel” que sobre eles exerce poder de vida e morte. Em contraste com a aridez do tema, o narrador recria esse mundo em uma linguagem riquíssima, em que ecoam numerosos textos literários, envolvendo, em um fascinante exercício intertextual, obras de escritores brasileiros, como João Cabral de Melo Neto, Carlos Drummond de Andrade, Herberto Sales, escritores estrangeiros de outros tempos, como Pierre Corneille, autor de *Le Cid*, recriação de antigos textos da tradição ibérica. Contudo, a contemporaneidade intertextual se estabelece, por exemplo, com *Abril despedaçado*, trágico romance do albanês Ismail Kadaré. Cristine F. de Mattos e Helena Bonito Pereira demonstram, nesse estudo, o papel da intertextualidade como componente essencial para construção de um romance regionalista que renova essa vertente, reinscrindo-a em nova chave na literatura brasileira contemporânea.

Na mesma linha de regionalismo renovado, encontra-se o capítulo “*Romance de Dom Pantero no palco dos pecadores*”, de Ariano Suassuna: a representação do espaço

no *Livro I: O jumento sedutor*". Concluído pouco antes do falecimento de Suassuna, em 2014, *Dom Pantero* impressiona pelo escopo do seu projeto literário. É uma narrativa ficcional dificilmente associável a um único gênero literário. Pode-se pensar em romance, tratado estético e sociológico, panfleto teatral, coletânea de contos e de poemas. O essencial é reconhecer a disposição de Ariano Suassuna para construir representações da identidade brasileira. Seguramente, trata-se de uma alegoria do Brasil. Cristhiano Aguiar analisa o espaço e mostra como ele ajuda na compreensão do quanto a experiência sócio-histórica, a linguagem e as temáticas existenciais amplas (tais como o Medo, a Morte, ou a relação da individualidade com o Sagrado) se entrelaçam.

A escrita renovada, a palavra-chave desta seção, aplica-se a outros gêneros literários, como o policial, tema do capítulo "*Os espiões: Luis Fernando Verissimo e o gênero policial*". Sandra Reimão observa que em sua longa e profícua trajetória de escritor, Verissimo tem se dedicado prioritariamente a textos curtos, como contos e crônicas que o consagraram desde os anos 1980, com a criação de tipos pitorescos, que propiciam um olhar satírico em que a sociedade brasileira parece retratada. Em que pese a predominância de textos curtos, o autor já publicou seis romances. O capítulo de Reimão aborda o romance *Os*

espões, publicado em 2009, e discute a função do humor e da utilização de traços do gênero policial *noir* na construção da obra, investigando uma possível chave paródica. Essa discussão leva em conta alguns momentos anteriores da obra do autor, em que ele também recorreu a referências e procedimentos afeitos ao gênero *noir*, especialmente o livro *Ed Mort e outras histórias*.

Forma renovada em relação ao gênero fantástico é o tema do quarto capítulo, “*Desesterro*, de Sheyla Smanioto: o fantástico como meio de contar uma história de mulheres”. Violência, abandono e pobreza têm sido temas frequentes na literatura brasileira em diversos momentos, em especial nas narrativas da chamada geração de 1930, com Graciliano Ramos, José Lins do Rego, Rachel de Queiroz e outros. Entretanto, embora pareça difícil abordar de forma original essas questões, infelizmente ainda tão presentes na contemporaneidade, Sheyla Smanioto, em seu romance de estreia, conta a história de diversas gerações de personagens femininas recorrendo ao fantástico contemporâneo, ou neofantástico, conforme diferentes denominações de críticos para essa nova modalidade. Sílvia Bezerra busca mostrar como o elemento “estranho” aparece na obra para tratar ficcionalmente de uma história de violência semelhante à que paira sobre a vida de tantas mulheres brasileiras.

No capítulo seguinte, “Era uma vez, num vilarejo distante: apontamentos sobre a obra de Raphael Montes”, Fernanda Reis da Rocha e Natália Aymi Yamaguti comentam *O vilarejo*, publicado por Raphael Montes em 2015, destacando sua originalidade sob diversos aspectos, como a inserção de imagens gráficas. Além disso, recursos empregados em sua construção resultam na inter-relação entre capítulos curtos, cujos títulos mantêm estreito vínculo com as personagens femininas que neles atuam como protagonistas. O romance tem por cenário, como o próprio título indica, um vilarejo situado na Europa, em 1589. Cada capítulo traz uma história diferente, relacionada a um habitante local e a um evento crucial de sua vida. As autoras ressaltam a pesada atmosfera de violência que impregna as tramas, entrecruzadas, com personagens dispostos a cometer atos monstruosos, independentemente de estarem em situações extremas, como seria o caso de defender a própria vida, em enredos tomados por uma atmosfera de suspense que pode derivar ou não de fatores extrassensoriais.

Seção 2: Temas em movimento

Por sua natureza, a narrativa literária pode criar espaços e tempos em que personagens mobilizam uma gama quase infinita de temas, nos mais diversos campos do

conhecimento. Em história, sociologia e psicologia talvez possam ser encontrados os conjuntos temáticos que florescem com mais exuberância em certas épocas. Romanes históricos associam-se aos primórdios do romantismo europeu, como o cientificismo positivista remete a boa parte da literatura realista-naturalista do final do século XIX, ou ainda como a psicologia e a psicanálise vicejam no romance introspectivo da modernidade. Muitas vezes a mescla de temas conflui para ampliar o significado ou a carga simbólica das narrativas de ficção.

No capítulo “Modernismo à brasileira em *Eu vos abraço, milhões*, de Moacyr Scliar”, Regina Zilberman retoma inicialmente narrativas da extensa produção ficcional do autor gaúcho, estabelecendo o percurso de determinados temas, presentes desde suas primeiras publicações, nos longínquos anos 1950, para revelar a vinculação de tais temas a *Eu vos abraço, milhões*, uma das últimas obras escritas por Moacyr Scliar. Valdo, o narrador, é um personagem doente e idoso, que escreve a própria trajetória ao neto. Gaúcho de origem humilde, ainda jovem Valdo mudou-se para o Rio de Janeiro, na expectativa de filiar-se ao Partido Comunista. Regina Zilberman demonstra como a obra compreende dualidades marcantes no Brasil, na passagem entre os decênios 1920-1930, por exemplo, a modernidade nas artes, opondo-se ao conservadorismo

na religião, ou a questão judaica, entre a tradição e a adesão a novos costumes. O rito de passagem do jovem Valdo, da militância comunista (frustrada) à maturidade, alegoriza o processo de amadurecimento e transfiguração da sociedade brasileira que, embora contraditória, ambígua e injusta, compromete-se com a modernidade.

No texto sobre *O ano em que vivi de literatura*, publicado por Paulo Scott, em 2015, Elizabeth Gonzaga de Lima discute as implicações da cultura midiática na subjetividade e no ofício do escritor, levando em conta a sociedade contemporânea que, bombardeada por imagens da *mass media* e pela emergência em escala exponencial do indivíduo, termina por atomizar a espetacularização do eu. Nesse contexto, o sujeito da criação, em detrimento de seu produto de linguagem, converteu-se em objeto de culto ao se instalar sob os holofotes da mídia, sendo deslocado para ocupar o centro da cena. O romance *O ano em que vivi de literatura* tematiza, em uma visão irônica e cáustica, a relação entre o escritor e as demandas da escrita diante das estratégias das mídias, do mercado editorial e seus atores. Esse aspecto constitui o foco desse estudo, em que se pretende analisar as imposições da cultura midiática que levam à crise e à exaustão a figura do escritor na contemporaneidade.

Em “Economia moral e ética no romance *Reprodução*, de Bernardo Carvalho”, Rogério Lima e Amandine Moulin discutem a narrativa ficcional *Reprodução*, com base em densas reflexões em torno de aspectos pouco frequentes na crítica literária, como normas e valores. Novas relações estabelecem-se entre a economia de mercado e a ficção. O texto propõe questões relacionadas aos sistemas de valores colocados em evidência na literatura do tempo presente e aos sistemas que subjazem na expressão das emoções, para estabelecer as relações entre literatura, ética e economia no espaço da ficção.

Desenredar fios entrelaçados de questionamentos recorrentes na literatura contemporânea é o que se dispõe a fazer Thaís Lancman em “A leveza da moral: um estudo do universo plástico de Rodrigo Naves em *O filantropo*”. A articulação é mais desafiadora em razão da impossibilidade de identificação de um tema central, aliada ao emprego original de vozes narrativas. A narrativa é composta por trinta e oito textos, dos quais emergem reflexões que abordam a aceitação da morte, a fragilidade de conceitos como a ética nos nossos tempos, a tensão entre a individualidade e a impressão que terceiros constroem sobre nós. Embora se trate de um conjunto difuso de temas, narradores e gêneros textuais, *O filantropo* é coeso no seu estilo e universo semântico, com a ocorrência de

palavras que evocam materialidade, como: luz, sombra, transparência, opacidade, pesos, medidas.

Seção 3: Questões de identidade e duplicidade

Em “Memórias estilhaçadas: reflexões sobre trauma em *Mar azul*, de Paloma Vidal”, Gínia Gomes centra o foco da análise na personagem-narradora do romance: uma mulher solitária, de aproximadamente 70 anos, que passa a escrever um diário voltado para o próprio passado. As lembranças daqueles que foram importantes em sua vida são permeadas pelo sofrimento, pois, apesar de muitos anos decorridos, permanecem fraturas ainda não cicatrizadas, que se presentificam no momento da escrita. O estudo discute e problematiza situações traumáticas vividas pela personagem, como o abandono do pai em sua adolescência, o relacionamento abusivo que teve com R., cujo nome sequer é pronunciado na narrativa, e o desaparecimento de sua amiga, Vicky, nos primórdios da ditadura militar argentina.

Santiago Nazarian, em *Feriado de mim mesmo*, cria uma narrativa tensa e misteriosa sobre a crise de identidade de uma personagem em conflito consigo. A narrativa, construída em terceira pessoa, conduz o leitor por caminhos que o fazem duvidar da existência de outro personagem, pois o único ponto de vista – o do narrador

– trata do cotidiano de Miguel, um tradutor de textos que mora, aparentemente, sozinho. O abalo na vida de Miguel começa quando fatos estranhos acontecem em seu pequeno apartamento. A presença de alguém que pode entrar e sair de sua casa e que interfere em seu cotidiano põe em xeque a sanidade do protagonista. Em “Quem ocupa o lugar que me pertence? Identidade e duplicidade em *Feriado de mim mesmo*, de Santiago Nazarian”, Raul Arriagada revisa obras literárias que dialogam com esse romance, em especial *O duplo* (1846), de Fiódor Dostoiévski. A identidade assumida por meio da duplicidade presentifica-se na sociedade contemporânea, em que a expectativa de êxito, quando frustrada, pode conduzir à insatisfação e à incompletude do ser humano.

No capítulo “Um rosto feminino sem maquiagem: os mitos de Narciso e de Eco revisitados por Tania Kaufmann”, Thiago Jerônimo aproxima a narrativa contemporânea “Um rosto”, aos mitos de Narciso e de Eco, registrados por Ovídio na obra *Metamorfoses*. Busca-se averiguar de que forma a escritora reatualiza os mitos supracitados em contexto com sua protagonista, corporificada no início dos anos 2000, data da publicação de *O instante da descoberta*, primeiro e único livro de contos da autora. A fundamentação teórica, entre outros aspectos, recupera os estudos mitológicos preconizados por Mircea

Eliade, a questão dialógica da eventicidade do ser proposta por Mikhail Bakhtin e as formulações de epifania e anti-epifania pontuadas por Olga de Sá. Com esse capítulo, completa-se a terceira seção do livro *Ficção brasileira no século XXI: narrativas em mutação*.

Como afirmou-se inicialmente, esta obra crítica soma-se a outras, contribuindo para a formação de um panorama teórico-crítico sobre a literatura brasileira que permanece íntegra e instigante, acompanhando a seu modo, sem temores nem abalos, as vicissitudes da vida editorial e cultural do nosso tempo.

Helena Bonito Pereira

ESTUDOS SOBRE AS OBRAS DOS ESCRITORES

Ariano Suassuna
Bernardo Carvalho
Estevão Azevedo
Luis Fernando Verissimo
Moacyr Scliar
Paloma Vidal
Paulo Scott
Raphael Montes
Rodrigo Naves
Santiago Nazarian
Sheyla Smanioto
Tania Kaufmann

Editora
M **Mackenzie**

ISBN 978-85-8293-849-2



9 788582 938492